

***Juventude, religiosidade e o “tempo livre”*: Formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários**

Carine Lavrador de Farias¹

ManuelaVieira Blanc²

RESUMO

Esta pesquisa visou compreender a relação entre a vivência da juventude e as práticas religiosas, focalizando as formas de sociabilidade juvenil, sobretudo aquelas efetivadas por estudantes universitários. O estudo foi realizado em Campos dos Goytacazes - RJ. Recorreu-se a observação participante, por permitir atingir dimensões não evidenciadas nos momentos de interlocução direta, e a entrevista em profundidade, buscando acessar os valores e os sentidos viáveis ao entendimento do ethos estudantil. Ao considerar o período estudantil, indagou-se se e como os valores religiosos influenciaram o estabelecimento das convivências e interações afetivo-sexuais estabelecidas pelos estudantes no novo espaço de moradia, em contraposição à casa familiar. Portanto, questões como sobrevivência material, o “tempo livre” e religião integram o campo de possibilidade da experiência juvenil.

Palavras-chave: Juventude; Sociabilidades; “repúblicas estudantis”.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a experiência da juventude, tendo como foco as práticas religiosas e a sua relação com o uso “tempo livre” a fim de compreender as formas de sociabilidade juvenil (ou juvenis) entre estudantes universitários com base em dados obtidos em pesquisas anteriores com os alunos da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ (Farias, 2010; Blanc, 2006 e 2009). Apesar de abranger um amplo grupo de jovens, o foco deste artigo recai, sobretudo sobre aqueles que, durante a realização da coleta de dados, integravam moradias coletivas ou “repúblicas estudantis”.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF). Contato: carine.farias@hotmail.com

² Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UENF). Contato: manu_uenf@yahoo.com.br.

O estudo de Blanc (2006) é pioneiro na investigação das problemáticas vividas pelos jovens universitários da UENF após o afastamento do núcleo familiar e durante a co-habitação em repúblicas estudantis em Campos dos Goytacazes. E dele derivaram as questões básicas ao trabalho de Farias (2010), este caracterizado por uma análise mais ampla, uma proposta inclusiva dos universitários inscritos em outras instituições de ensino, além da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), bem como dos estudantes naturais da cidade de Campos dos Goytacazes e que, portanto, permanecem em coabitação com seus familiares. O foco da atual proposta, por outro lado, são as práticas religiosas dos jovens universitários de forma geral, apreendidos através de suas práticas em grupos de oração, cultos, missas e encontros de jovens.

Os temas “juventude” e “religião” vêm assumindo grande destaque nos estudos da antropologia e sociologia contemporaneamente (Birman, 2003; Bourdieu, 2003; Novaes, 2003, 2004, 2005; Pais, 1993, 2005; Scott, 2004). A religiosidade é analisada como um importante conteúdo de sociabilidade e lazer para jovens e adolescentes, com atividades como, por exemplo, encontros e eventos direcionados a esfera religiosa, além do próprio culto; assim é garantido o encontro freqüente dos jovens, favorecendo por outro lado a constituição de uma cultura religiosa, além de contemplar as necessidades socializadoras dos jovens, segundo Santos e Mandarino, 2005. A partir de tais pressupostos, foram estabelecidas as categorias *religião*, *juventude*, uso do *tempo livre* e *sociabilidade* como foco de análise para a elaboração deste artigo.

O método de coleta de dados utilizado em todas as pesquisas utilizadas como fonte de dados foi a observação participante, seja em atividades cotidianas de caráter religioso ou não religioso, e entrevistas semi-estruturadas em profundidade. Para o desenvolvimento do trabalho *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas* (Blanc, 2006), foi selecionado um conjunto de moradias coletivas instaladas em um condomínio situado em frente à UENF para a realização das entrevistas com todos os integrantes. Assim foram abordados um conjunto de rapazes, um de moças e outro misto. Já o método de seleção utilizado para o desenvolvimento de *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades* (Blanc, 2009) baseou-se no mapeamento de uma rede de relações republicano-universitária. Tais pesquisas tinham como foco de análise a sociabilidade estudantil em repúblicas universitárias e a construção de identidades juvenis, respectivamente.

Finalmente, em *Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis” de Campos de Goytacazes*³ (Farias, 2010), foram acompanhados os encontros semanais dos dois grupos de oração universitários⁴: Aliança Bíblica Universitária (ABU) e o Grupo de Oração Universitário (GOU). Tais grupos são constituídos por jovens moradores de repúblicas, entre 17 e 25 anos, evangélicos, católicos e pertencentes ao candomblé e umbanda, do sexo feminino e masculino, e também por jovens que residem com os familiares, matriculados tanto em cursos de graduação quanto de pós-graduação.

A relevância de investigar os grupos de oração, bem como contemplar grupos religiosos - caracterizados por cultos realizados por sacerdotes reconhecidos pela comunidade de fiéis como, por exemplo, padres, pastores e pais de santo – dá-se em favor da compreensão de como a religião integra a experiência da vida universitária e, além disso, entender de que forma contribui para a condução dessa experiência de vida. Scott destaca que

Ser de um grupo religioso já é um diferenciador moral que separa os jovens rapazes e moças de outros jovens não pertencentes a esses grupos, o que independe da intensidade da adesão dos jovens às idéias e às práticas desses grupos, ou seja, da fé e das obras (Scott, 2004:375).

Neste sentido, a crença, bem como as práticas e idéias religiosas são menos relevantes que a busca por diferenciação moral, possibilitando indagar sobre a experiência da vida universitária, sobretudo as questões pertinentes a interação social a fim de refletir como esta é elaborada.

Ao mesmo tempo, a observação do contexto de moradia (importante ressaltar que a observação se deu apenas em moradias coletivas de estudantes) permite evidenciar as vivências de seus residentes, haja vista a relação com os parentes, integrantes do arranjo familiar, e aqueles que integram os arranjos de moradia

³ Monografia orientada pela professora e doutora Márcia Leitão Pinheiro (CCH/LESCE/UENF).

A UENF, uma universidade pública estadual, cuja vigência data de 1993 (Lima e Alves, 2003), possui 14 cursos de graduação, entre eles: Biologia, Ciências Sociais, Matemática, Física, Veterinária, Agronomia, Pedagogia, Engenharia de petróleo e gás, Engenharia civil, Engenharia de Produção, Engenharia de Materiais, Ciência da Computação, Zootecnia e Química. Além da graduação, podem ser contados 13 cursos de pós-graduação em vigência na UENF, podendo-se contar disciplinas afins para a maioria deles.

estudantil. Como a “república” é constituída por jovens que compartilham da experiência de afastamento familiar, interessava compreender a dinâmica de “experimentação” dessa juventude, contemplando a relação com a esfera religiosa, os valores religiosos, bem como entender as possíveis reelaborações religiosas a partir desse novo contexto de relações. Desta forma foram considerados o uso do tempo livre, os grupos de amigos, o papel evangelizador dos jovens, os grupos religiosos e, por fim, a constituição das relações de afeto como pistas para a compreensão dessas juventudes.

As “repúblicas estudantis” analisadas são moradias formadas por estudantes com idade entre 17 e 25 anos, matriculados nos cursos de graduação e de pós-graduação podendo ser constituídas somente por integrantes do sexo masculino e do sexo feminino ou mistas, isto é, por integrantes do sexo masculino e feminino. As “repúblicas” correspondem moradias que muitas vezes também se caracterizam como um ambiente de estudo, estabelecimento de novas e manutenção de antigas relações sociais, configurando um espaço de sociabilidade rico e diverso.

Pôde ser observado que os estudantes da UENF residentes de moradias coletivas têm ampliadas as suas possibilidades de experimentação e constituem um específico modo de vida. A especificidade do contexto analisado dá-se por diferentes fatores. A vida na “república” coloca questões como sobrevivência material, sexualidade, sociabilidade e religião, podendo ser analisadas como integrantes do campo de possibilidade dessa experiência juvenil. Apesar de, em sua maioria, dependerem do suporte financeiro familiar para manterem-se em Campos dos Goytacazes, a relação estabelecida por esses jovens entre si, dentro e fora das “repúblicas”, com os demais moradores de campos, e com a própria instituição de ensino, os permitem legitimar uma auto-imagem baseada não na autonomização de seus direcionamentos, mas numa suposta independência (Blanc, 2009).

Galland (1997) justifica que na contemporaneidade, mais do que um processo de interiorização de normas sociais e inserção na vida adulta segundo posições sociais e valores familiarmente transmitidos, a juventude vem a se firmar também como momento de constituição das individualidades. Individualidade esta permeada pela possibilidade de experimentação dada pela diversidade identitária da própria modernidade. Ao mesmo tempo, se dá uma passagem de uma norma da precocidade para outra, de retardamento, uma valorização por ambas as gerações, de jovens e seus pais, de uma entrada na vida adulta apenas após a construção de uma autonomia

marcada não apenas pela independência, como também pela noção de liberdade, que se dá, portanto, através do reconhecimento e legitimação pelas gerações mais antigas da individualidade de seus membros.

O percentual de estudantes da Universidade Estadual do norte Fluminense que são atendidos pelos mais diversos programas de bolsas estudantis favorece o estabelecimento de uma relação com a instituição de ensino, bem como com seus funcionários e alunos, que pode assumir um caráter dual:

O exercício da atividade de bolsista pode possibilitar não apenas um estreitamento das relações entre funcionários e alunos, que passam a conviver como “parceiros” de pesquisa ou a inserir-se em hierarquias típicas do mundo do trabalho, como também exigem um maior investimento de tempo pelos estudantes (Blanc, 2009: p. 42).

Ao mesmo tempo, o afastamento geográfico do núcleo familiar implica em um afrouxamento da autoridade paterna que, conjugado a dinâmica coletiva de moradia permite não somente essa resignificação da noção de autonomia, lida por esse jovens como independência, como também favorece uma vivência da juventude peculiar (Blanc, 2009). Neste sentido, nos atemos às vivências religiosas no novo contexto, contexto este caracterizado pelo restabelecimento das redes de sociabilidade juvenis.

A utilização do método da observação participante nos permitiu atingir dimensões destacadas ou nem sempre evidenciadas nos momentos de interlocução, possibilitando compreender as ações e as idéias vigentes entre os jovens acompanhados. Tal empreitada integra o exercício antropológico de compreensão dos fenômenos humanos que, segundo Geertz (1978), o antropólogo, ao adotar a observação e a escrita antropológica, não deve somente descrever um fato, mas interpretá-lo. As descrições devem ser encaradas em termos das interpretações das ações, das experiências, incluindo as idéias dos indivíduos.

A observação também proporcionou apreender elementos colocados por encontros realizados por jovens universitários em suas atividades cotidianas ou em atividades não ordinárias. Isso viabilizou formular um conhecimento, pois, conforme Velho, “para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo” (1999:123). Entendemos que os eventos organizados por estudantes, se habituais ou não,

caracterizam diversos locais e envolvem a apropriação de equipamentos e espaços públicos nos quais podem ser encontradas diferentes possibilidades de encontro e sociabilidade (Magnani, 2007).

O campo pesquisado: espaços de sociabilidade

Aqui analisaremos, sobretudo, os encontros religiosos, mas serão também remontados os dados em torno das atividades e dos espaços de lazer tipicamente universitários, desde as “repúblicas”, as festas e confraternizações, entre outros. Enfim, todos os eventos extraordinários, bem como os cotidianos, que se apresentaram como parte da dinâmica de sociabilidade juvenil “uenfiana”, dado que a

sociabilidade é parte fundamental do processo de socialização vivenciado pelos jovens em seus grupos, como um lugar privilegiado das escolhas, da construção de sentidos, da solidariedade e da construção da autonomia (Andrade, 2005: p. 70).

Portanto, compreendemos que o melhor caminho para se entender os jovens analisados corresponde a uma análise dos espaços que ocupam aonde estes vem se produzindo e sendo produzidos como seres sociais, como ressalta Andrade (2005). Isto é, trata-se de espaço no qual o jovem encontra a oportunidade de tecer novas redes de sociabilidade, contribuindo para uma nova visão de mundo.

Segundo Simmel “a sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de sociação, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é a própria relação, a satisfação de estar junto” (1993:169).

A sociabilidade é o jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular. Porém, se ela (a sociabilidade) corta inteiramente os laços com a realidade da vida, da qual elabora sua própria estrutura, “deixa de ser um jogo e se transforma num namoro leviano com formas vazias, num esquematismo inanimado que inclusive se orgulha de sua falta de vida” (Simmel, 1993:179).

A sociabilidade é uma forma lúdica de sociação, dotada de formas específicas e um conteúdo que é construído através do estabelecimento das relações e sua manutenção. Enquanto forma pura caracteriza-se por um jogo relacional que se dá por si

mesmo, uma forma de ação recíproca cujo objeto é, estritamente, o interesse em estabelecer e manter a relação (Simmel, 1993).

Ao mesmo tempo, a sociabilidade enquanto processo de socialização produz conteúdo, estabelece significado para práticas e legitima identidades e modos de vida. Os indivíduos se constituem enquanto tais a partir das relações estabelecidas e das vivências experimentadas. É através do outro que se definem e redefinem as percepções sobre si mesmo, a construção das identidades sendo caracterizada por um processo fluido e de caráter relacional (Woodward, 2000; Silva, 2000; Hall, 2000).

Foi possível observar que através da legitimação de espaços de lazer tipicamente universitários esses os jovens estruturam suas novas referências e identidades individuais e coletivas. Amplamente, a sua “inserção” no novo contexto se faz através de diferentes espaços, papéis e contextos valorativos e comportamentais, nos quais tendem a serem acionadas diferentes identidades (Blanc, 2009). No que diz respeito aos encontros religiosos, pode ser considerado, como nos diz Santos & Mandarino, que a “frequência ao culto, dentro de um local específico, garante o encontro que é tão necessário para a constituição de uma cultura religiosa e contempla as necessidades socializadoras dos jovens” (2005:170).

A busca da fé, um dos ingredientes para a agregação social, é também elemento constituinte da identidade juvenil (Novaes, 2004), o que foi percebido durante a observação dos eventos religiosos, dada a grande quantidade de jovens presentes. Além da frequência nos eventos, foi registrada a participação em grupos juvenis relacionados aos cultos religiosos, quer estivessem relacionados à Igreja, quer a algum grupo religioso como a ABU, em que se observou a reapropriação dos eventos como grandes espaços de lazer, em consonância com os estudos de Magnani (2007). Participar nos grupos jovens, “além de um ato de socialização, a partir do qual se instauram as regras que orientam a ação, possibilita-lhes excelentes espaços de sociabilidade, em que as relações extrapolam as igrejas e o trabalho devocional” (Scott, 2004:381).

O uso do “Tempo livre”

Eu vou aos cultos nas quartas, e nos domingos eu ajudo a orientar as crianças

da minha Igreja e os ensaios são todas terças e sextas. A única coisa que eu faço, é fácil é ir a Igreja.

A partir do relato de Maria, 24 anos, branca, evangélica, estudante de pedagogia, ao ser indagada sobre o uso do seu “tempo livre”, um dos critérios de perguntas inseridas no roteiro das entrevistas semi-estruturas para a pesquisa *Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis de Campos de Goytacazes* (Farias, 2010), percebe-se que a categoria em si mesma apresenta vários sentidos para jovens de diferentes religiões. Para a maioria dos jovens analisados, a categoria “tempo livre” está associada ao lazer, isto é,

O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos, projetar um modo de vida. Nas concepções de Abramo, o lazer figura entre uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (Souza, 2000:25).

No entanto, pode-se observar como “tempo livre” para Maria está relacionado a todas as atividades de sua respectiva igreja, já que a jovem tende a participar de atividades religiosas às terças-feiras, quartas-feiras, sextas-feiras e aos domingos. Ou seja, boa parte do tempo livre de que dispõe é comprometido com atividades religiosas. Laís, também evangélica, que participa de um grupo jovem e sempre ajuda a organizar os eventos de sua igreja, afirma o seguinte:

Só tenho tempo livre nos finais de semana, porque durante a semana eu estudo e vou aos cultos, aí sobra tempo no sábado, onde participo de eventos e do grupo jovem desde meus nove anos.

As duas jovens relatam um uso do “tempo livre” diretamente permeado pelas atividades de suas respectivas igrejas, como a participação nos cultos, nos grupos jovens e os eventos em geral. Neste sentido, a noção de “tempo livre” se apresenta como elemento significativo, dado que a experiência e a concepção acerca dele evidenciaram a especificidade da condição de morador de “república estudantil”, bem como de estudante e filiado a alguma crença religiosa. Esta especificidade surge quando o “uso

do tempo livre”, questão presente no planejamento da pesquisa, desponta como ponto recorrente.

Interessante observar que para vários estudantes a categoria “tempo livre” é relacionada a tudo o que diz respeito ao “lazer”: festas da universidade, comemorações entre amigos e vizinhos, reuniões da turma em “barzinhos” ou outros eventos ocorridos na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. Esses jovens entendem que o seu “tempo livre” também pode ser utilizado para a realização de atividades relacionadas à vivência estudantil e a manutenção da moradia, como as provas, trabalhos relacionados à universidade e os afazeres da “república”, ou seja, lavar louças, limpar a casa, fazer comida, entre outras tarefas que, em tese, deveriam se colocar como parte do calendário cotidiano, mas que de fato ainda ocupam, em sua percepção, o “espaço do ‘tempo livre”.

Este dado é interessante para se pensar a própria noção de juventude legitimada entre os estudantes. Apesar de estarem familiarizados com a necessidade de fazer um uso diferenciado do seu tempo, de forma geral (seja a sua utilização para a realização das atividades cotidianas de manutenção de si e da moradia, seja a considerável ampliação do número de horas gastas em estudo em determinados estágios da formação ou período do semestre acadêmico, em comparação à dinâmica de estudos no Ensino Médio), o “tempo livre” ainda se confunde com os horários do dia em que não está em sala de aula ou trabalhando como bolsista. Estudar fora desse horário é visto como uma necessidade eventual, enquanto que a realização de tarefas domésticas, fundamentais para a sua sobrevivência no novo contexto, também não é reconhecido como uma atividade plenamente integrada ao seu cotidiano juvenil (dado que realizada no período em que o tempo deveria ser “livre”, não possuindo um tempo próprio), mas sim como uma necessidade imperativa e que extrapola (apesar de na prática integrar) a sua identidade juvenil. Por outro lado, são essas mesmas responsabilidades, digamos: “sem lugar”, que se apresentam como fundamentais enquanto forma de distinção de suas identidades juvenis:

A nova realidade, neste sentido, exige sim que assumam maiores responsabilidades e realmente lhes confere maior liberdade de ação, se conformando em partes ao que é tomado por eles como processo de independência. Assim é sustentada e fortalecida sua representação quanto à situação vivenciada, onde este termo assume o sentido de autonomia: “a experiência que a gente tem acho que é totalmente válida, sabe? É, tipo

assim, você tem independência, é muito bom, assim, sei lá. Você muda, você adquire mais experiência” (Helena, 20 anos, 2,5 em Campos) (Blanc, 2009: p. 84).

As entrevistas de Laís, Maria e Fernando desenharam outro modo de “uso do tempo livre” em que, para Alvim (2004), “curtir a vida” está inserido no questionamento dos jovens sobre o uso do tempo livre e também está relacionado à imagem de juventude, isto é, a busca do prazer. A vigência de um limite a maneira de “curtir”, “zoar” a vida, para Almeida (2006), expressa a capacidade de fazer grande ruído, emitir som forte e confuso ou equivalente a zumbido, produzir ruídos semelhante até o dos insetos. “Zoar é dançar, ‘zoar’ os caras, ‘zoar’ as roupas das mulheres, é fazer essas paradas”, como afirma esta autora.

Já Farias (2010) observou que para os entrevistados evangélicos, a noção possui outro sentido. Fernando, ao falar de “tempo livre”, diz que isto significa participar de eventos, reuniões, confraternizações e cultos de sua Igreja, sendo que uma vez ou outra assiste um filme com os amigos ou vai a alguma lanchonete por perto para lancha com os amigos de seu grupo religioso.

Carrano (2002) analisa os espaços de circulação juvenil elaborando as diferenças em “espaços de perdição” e “espaços de salvação”. Tais formulações permitem perceber as diferenciações territoriais que delimitam os espaços de circulação dos evangélicos. Assim, para os entrevistados Laís (20 anos), Maria (23 anos) e Fernando (19 anos), estes limites se dão exatamente a partir do momento que o tempo livre deixa de ser um espaço de salvação e passa a ser um espaço de perdição. Segundo Carrano (2002), deixa de ser um espaço no qual a presença dos elementos de evangelização são fortes e atuantes e passa a ser um espaço em que os jovens evangélicos só podem frequentar assumindo a perspectiva da redenção dos que se encontram no vício e na perdição e que ainda não teriam encontrado a verdade, expressa na palavra de Deus.

O destaque de tempo e espaço distintos que marcam a vida ordinária e configuram os modos de vida, integram um modo de ver e entender o mundo, assim como a existência humana. O ponto está na diferenciação, sendo que está pode ser dar a partir do que afirma Andrade quando fala sobre os convertidos:

para os jovens convertidos há uma compreensão de que existem limites que demarcam nitidamente as fronteiras entre o “sagrado” e o “mundano”. E todo aquele que deseja assumir uma nova “identidade religiosa” deve estar ciente desses limites, submetendo-se a viver dentro dos limites demarcados (2005: p. 67).

A autora destaca que a experiência da conversão pode ser observada através das práticas adotadas pelos jovens. Para alguns, a conversão significa a reelaboração de suas práticas, se estendendo ao seu cotidiano, isto é, limitando-se a viver de acordo com as regras estabelecidas no interior do grupo. Uma vez convertidos à religião evangélica, os jovens adotam novas condutas morais, ou seja, “um novo discurso pautado pela ‘diferença’, entre os de Cristo e os ‘mundanos’, entre os ‘que fazem a vontade de Deus’ e ‘os que não fazem’ (Andrade, 2005:66)”. E isto é constatado ao observarmos o que James, estudante de engenharia, evangélico, residente em “república, branco, 18 anos, diz:

Até porque para pessoal estar todo dia ali nas reuniões e na Igreja tem um envolvimento com a obra de Deus e também, porque outras pessoas comentam sobre isso. Por exemplo: um amigo meu uma vez falou que é como se nós (jovens da ABU) vivêssemos num mundo paralelo porque a gente faz muitas coisas que pessoas “normais” não fazem. E isso acaba sendo muito influenciador né. E isso serve de exemplo para os outros jovens.

Ao começar a participar de seu grupo religioso, James se sente na obrigação de seguir as normas de sua Igreja, sobretudo de se mostrar como exemplo para os outros jovens, principalmente para aqueles que não fazem parte de seu grupo religioso. Para Andrade (2005), a compreensão de que existem limites que demarcam nitidamente as fronteiras entre o “sagrado” e o “mundano”, isto realmente é percebido em James, pois ele afirma: “é como se nós (jovens da ABU) vivêssemos num mundo paralelo porque a gente faz muitas coisas que pessoas “normais” não fazem”. A partir da fala de James, entendemos que o movimento empreendido pelos estudantes é o de procurar uma aproximação ao mundo “sagrado” e um distanciamento do mundo “mundano”, este que é, na maioria das vezes, freqüentado por essas pessoas “normais”, as quais James cita por não fazerem as mesmas coisas que os jovens participantes de seu grupo religioso.

Algumas considerações

Para Scott (2004), os jovens graduandos estão num processo intenso de estabelecer redes sociais e adquirir habilidades e conhecimento que possam orientar as suas vidas. Isso pressupõe estar atenta e levar em conta as representações destes jovens pesquisados, de forma a elaborar um modelo explicativo mais abrangente. Ao mesmo tempo, os jovens de hoje parecem viver uma nova vida nas relações entre valores da sociedade moderna, como por exemplo, a individualização, a capacidade de escolha e de viver essa escolha (Novaes, 2005). Este artigo apresenta-se como uma proposta de se pensar a experiência de entrada na universidade, em especial envolvendo o afastamento geográfico do núcleo familiar e a formação de moradias coletivas, e a relação entre as experiências colocadas a partir do novo contexto e as práticas religiosas entre os jovens universitários.

Observamos a partir de dados coletados em três diferentes pesquisas, uma delas com foco específico sobre a sociabilidade juvenil afetivo-religiosa (Farias, 2010), que estes jovens visitam, participam e freqüentam os lugares designados por suas vontades e escolhas. É preciso considerar a circulação em espaços laicos e como esses contribuem para ampliar a rede relacional e conseqüente proporcionar novas experiências. De uma forma geral, ocorrem mudanças aos serviços religiosos dos jovens devido à nova rotina, com outras obrigações e outros afazeres direcionados ao lazer, a universidade, a casa, o cotidiano, entre outros. E com isso passaram a adquirir laços mais fluidos com a igreja. Isso explicita que as trajetórias individuais não são lineares, elas mudam conforme os contextos, as experiências individuais.

O trabalho de campo e as entrevistas realizadas evidenciaram as tensões pertinentes a religião, sociabilidade e juventude. Pode-se observar que os moradores de “repúblicas” terminavam por ter vínculos mais fluídos com os seus grupos religiosos. Por sua vez, alguns dos jovens residentes ou não com os familiares terminavam por apresentar relação mais consistente com o grupo religioso.

Entre os estudantes católicos, os pertencentes ao candomblé e a umbanda pude entender ser mais fluída a relação com a esfera religiosa e, por sua vez, a afirmativa de vivências de experiências afetivo-sexuais. Diferentemente, a participação dos jovens evangélicos no ambiente universitário é caracterizada por uma prática extensiva dos trabalhos de evangelização, configurando a concepção de transformação do espaço secular. Isso torna o espaço da universidade algo não tão distante daquilo que integra o

familiar e configura também o tempo livre: a religião. Nesse caso, o exercício da sociabilidade não inclui distanciar-se de valores religiosos e familiares.

A metodologia utilizada nas pesquisas que serviram como base ao desenvolvimento deste trabalho viabilizou compreender “quanto”, “como” e “quando” o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração. Isso também possibilitou refletir sobre as escolhas e as identidades religiosas em diferentes áreas da vida social (Novaes, 2005), evidenciando a importância de investigar os modos e práticas que indicam as possibilidades da vida de graduando e que integram a construção de juventudes.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. *Culturas Jovens: novos mapas de afeto*. Fernanda Eugenio (orgs). – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALVIM, Rosilene. *(Re) construções da juventude: cultura e representações*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2004.

ANDRADE, Alenice Maria dos Santos. *Surfistas de Cristo um estudo da sociabilidade juvenil*. São Paulo. *Dissertação de mestrado*. Faculdade de Educação da USP, 2005.

BLANC, Manuela. *Ampliando horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*. *Monografia*. Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

_____. *Desafio de vir a ser: Jovens universitários, moradias coletivas e identidades*. *Dissertação de mestrado*. Rio de Janeiro, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis rainhas*. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

FARIAS, Carine L. *Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis de Campos dos Goytacazes*. *Monografia*. Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2010.

GALLAND, Oliver. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1997.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Ethos, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados*. In: *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; **SOUZA**, Bruna Mantese de (Org.) *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamento: a religião faz diferença? In: *Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo: Editora Gráfica, 2005, p. 263- 290.

_____. *Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos*. Notas preliminares. *Revista Estudos Avançados*, 18, 52, (2004): 321-330.

PINHEIRO, Márcia. *Juventude, experiências musicais e religiosidade*, 2008.

SANTOS, Edmilson Santos e **MANDARINO**, Claudio Marques. *Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer*. *Revista de Estudos da Religião* Nº 3 / 2005 / pp. 161-177

SCOTT, Russell Parry. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, set./dez. 2004.

SIMMEL, George. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal. In: *Sociologia*. Editora: Ática. Organizador: Evaristo de Moraes Filho, 1993.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: *Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. RJ: Zahar, 1999, p.121-132.